



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante o
18º Congresso Brasileiro de Contabilidade**

Gramado-RS, 26 de agosto de 2008

Senhora governadora do estado do Rio Grande do Sul, Yeda Crusius,
Senhores deputados aqui presentes,

Meus caros ex-governadores do Rio Grande do Sul, Olívio Dutra e
Germano Rigotto,

Meu caro Pedro Henrique Bertolucci, prefeito de Gramado, em nome do
qual saúdo os prefeitos e as prefeitas aqui presentes,

Ministro Augusto Nardes, do Tribunal de Contas da União,

Secretários do estado,

Secretários municipais,

Meu caro companheiro Nelson Machado, secretário-executivo do
Ministério da Fazenda,

Nossa querida Maria Clara Bugarim, presidente do Conselho Federal de
Contabilidade,

Meu caro Paulo Okamoto, presidente do Sebrae,

Meu caro companheiro Antônio Trevisan, presidente da Organização
Não-Governamental Ação Fome Zero,

Meu caro Rogério Rokembach, presidente do Conselho Regional de
Contabilidade do Rio Grande do Sul, em nome do qual saúdo os demais
presidentes de Conselhos Regionais aqui presentes,

Meu caro Valdir Pietrobon, presidente da Federação Nacional das
Empresas de Serviços Contábeis,

Senhoras e senhores participantes do 18º Congresso Brasileiro de
Contabilidade,

Jornalistas presentes,



Meus amigos e minhas amigas,

Primeiro, a alegria de estar presente neste dia de hoje e pedindo desculpas por não ter vindo no domingo à noite. Vocês sabem que o presidente... O pessoal da segurança tem um cuidado especial com o presidente e, então, disseram que não era prudente eu vir, por causa do helicóptero. Mas, graças a Deus, o tempo melhorou e vocês vão poder, à noite, ver o céu azul desta região serrana do Rio Grande do Sul. Vocês vão ficar agradecidos por terem participado deste 18º Encontro aqui, nesta cidade extraordinária do Rio Grande do Sul, e neste estado, que é um estado singular também para o nosso País.

Eu preciso fazer esse comunicado porque saiu publicado no Diário Oficial da União hoje, o Nelson vai falar amanhã, e quando ele for falar, a notícia já estará velha. É o seguinte: foi publicada no Diário Oficial da União, hoje, a portaria do Ministério da Fazenda determinando ao Tesouro Nacional participar, com o Conselho Federal de Contabilidade, do processo de análise e busca da convergência internacional das normas de contabilidade aplicadas ao setor público. Isso, certamente, é uma conquista de vocês. Não é à toa que o Nelson já virou padrinho, em tão pouco tempo aqui.

Não se impressionem com a quantidade de papel, porque as letras são grandes. Vocês sabem que depois dos quarenta a gente começa a enxergar menos, depois dos cinquenta menos ainda, depois dos sessenta menos ainda. Aí, ao invés de usar óculos, para mostrar que a gente não está usando óculos, a gente então disfarça com umas letras maiores e o volume de papel fica bem grande. Mas o discurso é pequeno.

Este é um grande evento que reúne profissionais indispensáveis ao bom funcionamento da economia e da sociedade. Participar, portanto, deste Congresso Brasileiro de Contabilidade é uma oportunidade excepcional para mim, como brasileiro e como presidente da República.



Os números que expressam a força e a importância da classe contábil são impressionantes: mais de 400 mil profissionais que atuam em cerca de 67 mil escritórios no Brasil e são fundamentais para qualquer atividade econômica pública ou privada.

Quero começar destacando o fato de que o Conselho Federal de Contabilidade, pela primeira vez em mais de seis décadas de existência, é hoje presidido por uma mulher, e aí, uma preocupação especial: as mulheres estão com a bola toda. Como se não bastasse as mulheres darem o banho que deram nas Olimpíadas, mesmo quando perderam, como a nossa seleção de futebol feminino, elas foram consideradas melhores do que as suas competidoras.

Portanto, minha querida Maria Clara, meus parabéns. Espero que outras mulheres, e mais outras, comecem a ocupar cada vez mais cargos públicos, tenham cada vez mais importância na administração das empresas, porque assim a gente vai, de uma vez por todas, diminuir o preconceito de gênero que existe no Brasil. Pelos aplausos que você recebeu, eu não sei se os homens que presidiram a entidade por 60 anos foram melhores do que você. Portanto, você está quebrando um paradigma existente, e Deus queira que seja seguido pelos outros. Por isso receba, minha querida Maria Clara Bugarim, os meus especiais parabéns pelo cargo pioneiro que exerce e por ser uma das grandes responsáveis por reunir mais de 5 mil e 600 profissionais de Contabilidade em Gramado.

Meus amigos e minhas amigas,

Quando recebi o programa deste evento, pude perceber a preocupação de vocês com dois temas de importância fundamental para mim: educação e responsabilidade social. Fico feliz em saber do interesse que esta categoria dedica à educação contábil brasileira, tema que será abordado em três fóruns durante este evento, que tem a participação de mais de mil professores da área.



Constato que a temática de responsabilidade social também ganha espaço, o que demonstra profunda atenção com os brasileiros mais carentes. Neste particular, quero registrar meu entusiasmo e o de minha companheira Marisa pela decisão que vocês tomaram de abraçar a causa da merenda escolar como principal programa do Conselho Federal e dos Conselhos Regionais de Contabilidade.

Quero também lembrar a contribuição dos profissionais de Contabilidade com a transparência e a simplificação dos processos administrativos financeiros, contábeis e fiscais, observadas na elaboração da Lei Geral das Micro e Pequenas Empresas, sancionada em 2006. Essa Lei, como vocês bem sabem, estabeleceu normas diferenciadas para as micro e pequenas empresas, e abriu novas oportunidades para que um número cada vez maior delas possa participar, de maneira especial, da economia brasileira. Como resultado desse protagonismo, surgem novas oportunidades de trabalho para a classe contábil.

O grande impulso para os contabilistas, contudo, é o mesmo que está consolidando um novo patamar para a economia brasileira, e o nome desse impulso é desenvolvimento sustentável. Nossa produção cresce de forma sólida e constante há 25 trimestres consecutivos, e isso vem ocorrendo em um ambiente de inflação baixa e sob controle, dando ainda mais fôlego para a criação de empregos e a distribuição de renda.

Só para termos uma idéia do que essa mudança significa, devemos lembrar que, desde 2003, foram criados mais de 9 milhões e 500 mil empregos formais no País. Se considerarmos também as novas ocupações informais, esse número ultrapassa 11 milhões e 500 mil pessoas.

A grande verdade é que o brasileiro está vivendo melhor. De 2003 para cá, a pobreza nas regiões metropolitanas caiu de 35% para 24%, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada-Ipea, e, pela primeira vez em nossa história, a maior parte dos brasileiros passou a pertencer à classe média.



Segundo a Fundação Getúlio Vargas, 44% de nossa população era de classe média em 2002. Hoje, esse índice chega a aproximadamente 52%.

Tudo isso significa que o comércio, a indústria e a agricultura estão aquecidos como há muito tempo não ocorria no nosso país. Cresce o número de empresas e mais negócios são realizados a cada ano. Todo esse novo ambiente exige processos contábeis velozes e eficientes e, é claro, profissionais preparados para dar sustentação a um novo e virtuoso ciclo de nossa economia.

Minhas amigas e meus amigos,

No que se refere à melhoria dos processos e das transações dos negócios, baixei, em janeiro de 2007, o Decreto 6.022, que trata do sistema público de escrituração digital. Essa sistemática faz parte do Programa de Aceleração do Crescimento-PAC, e se constitui em um novo avanço na informatização da relação entre o Fisco e o contribuinte. O sistema traz benefícios às empresas e à sociedade, com a redução de custos, a dispensa de emitir e armazenar documentos, e a eliminação de papel. Além disso, racionaliza e simplifica as obrigações tributárias.

Outro fato relevante para a classe contábil foi a sanção da Lei 11.638, de 28 de dezembro de 2007, que incorpora o Brasil ao processo de harmonização das normas e práticas contábeis mundiais. Essa alteração, cujo Projeto de Lei tramitou por sete anos no Congresso Nacional, propicia o alinhamento às Normas Internacionais de Contabilidade adotadas em mais de cem países. Possibilita, também, o aumento do fluxo de investimentos internos e externos para o capital produtivo e dá transparência às sociedades de grande porte, submetendo-as à auditoria independente.

É certo que essa Lei deve mobilizar um grande contingente de contabilistas no auxílio às empresas que necessitam de apoio para se ajustarem aos padrões internacionais. É um grande desafio também para os cursos de Ciências Contábeis, porque devem formar contabilistas capacitados



para essa nova missão, e eu confio que vocês estão preparados para dar conta desse recado.

O envio, ao Congresso Nacional, do projeto de reforma tributária neste ano de 2008 também busca simplificar e racionalizar o complexo sistema tributário brasileiro. Boa parte das medidas encaminhadas incorporou sugestões da classe contábil, que tem sido extremamente ativa na difícil tarefa de interpretar o complexo sistema fiscal brasileiro e de garantir que contribuintes executem a sua obrigação tributária de forma legal e eficaz.

Quero destacar duas grandes reivindicações feitas ao governo federal que já foram atendidas. As empresas de contabilidade já podem se beneficiar do sistema tributário simplificado, por meio do Super Simples, e terão suas alíquotas reduzidas com a sua inclusão em uma tabela com menores custos.

Aqui, vou aproveitar, antes de falar ao final, que o companheiro... Obviamente que eu pedi autorização ao companheiro Nelson Machado, porque no fundo, no fundo, ele que vai prestar contas ao Guido Mantega. Vocês precisarão ser enquadrados no Simples-Anexo III, porque eu acho que isso... Essa notícia, na verdade, era para o Nelson dar amanhã, mas como quem deve bater o pênalti num time de futebol é o presidente, o Nelson não vai ter notícia ruim para dar amanhã, essa ele não vai poder dar mais.

Minhas amigas e meus amigos,

Como vimos, a interlocução entre o governo federal e a classe contábil gerou, nos últimos anos, uma série de resultados extremamente positivos. Quero conclamá-los, portanto, a aprofundar ainda mais esse diálogo e a continuar nos trazendo as suas propostas. Estou certo de que muitos temas que vão ser debatidos neste Congresso resultarão em material significativo para o planejamento e a elaboração das políticas públicas.

É o caso, por exemplo, da contabilidade pública, sobre a qual está sendo realizado um fórum específico aqui em Gramado. Neste particular, adianto aos senhores que nosso governo está totalmente aberto para receber as



contribuições que daí surgirem, até porque trabalhamos atualmente na revisão de todo o modelo contábil público brasileiro.

Da mesma forma, temos muito interesse na discussão que será feita aqui sobre o modelo da avaliação do custo público. Contar com as boas metodologias deste tipo, afinal, nos permite saber de forma apurada qual é a eficiência das políticas públicas e, com isso, empregar os recursos de forma adequada.

Por fim, quero dizer que em audiência com os representantes da classe da contabilidade recebi o anteprojeto de lei para alteração da Lei 6.925, de 1946, e do Decreto-Lei 1.040, de 1979, que tratam da profissão contábil no Brasil. Fui informado de que esse anteprojeto foi elaborado por uma comissão nacional composta por profissionais de vários estados da Federação e que foi exaustivamente debatido em audiências públicas até ser aprovado no plenário do Conselho Federal de Contabilidade.

A proposta reflete, portanto, a busca da classe contábil brasileira pela modernização da profissão e o anseio por uma maior participação no desenvolvimento econômico e social do nosso país. Por isso, decidi solicitar à minha assessoria e, certamente, o Nelson Machado estará presente – ele, como é padrinho, não pode negar nada a afilhado. Por isso decidi solicitar à minha assessoria que analise a possibilidade de encaminhar esse projeto como iniciativa do Executivo Federal, para que tenha trâmites mais céleres, como é o desejo de vocês.

A classe contábil brasileira é fundamental para o desenvolvimento do empreendedorismo e da economia brasileira. Sua profunda competência técnica possibilitou a adesão de cerca de três milhões de empreendedores ao Super Simples. A cada mês, 20 mil novas empresas vêm sendo incluídas nesse regime tributário. Tenho certeza de que todos os contabilistas e técnicos em contabilidade, representados neste grande evento, continuarão levando conhecimento de qualidade e inovação a todos os empreendedores do Brasil,



fortalecendo a nossa economia e ajudando a criar um país cada vez mais rico de oportunidades.

Meus amigos e minhas amigas,

Não pensem que vou acabar, eu preciso dar mais duas palavrinhas com vocês. Primeiro, quero pedir o apoio de vocês. Nós estamos com uma proposta de política tributária no Congresso Nacional. Eu acredito que a política tributária é uma das coisas mais importantes, necessárias e prioritárias que tem que acontecer neste país. Nós precisamos acabar com a guerra fiscal neste país. Precisamos garantir que a tributação brasileira seja mais eficiente e mais justa para cumprir um sonho que todos nós temos, de fazer com que as pessoas paguem menos impostos, mas todos paguem – e não apenas uns paguem e outros não paguem.

Vocês sabem que política tributária é uma coisa que todo mundo deseja, todo mundo fala, todo mundo faz discurso, todo político em campanha promete, todo deputado, todo senador, todo presidente, todo governador, todo prefeito, todo vereador, todo jornalista escreve e é favorável. Ela está lá, foi pactuada com todo mundo. O companheiro Rigotto participa de uma comissão especial junto com o Toninho Trevisan. Tem empresários grandes e pequenos, sindicalistas, gente de igrejas participando do nosso fórum que constrói essa política tributária, mas quando a gente chega ao Congresso Nacional – todo mundo é favorável, todo mundo concorda – ela começa a ter problemas.

Eu queria pedir a colaboração de vocês. Penso que temos condições de aprová-la até o final deste ano se houver um trabalho muito sério de todos nós. Se houver um trabalho sério, é possível aprovar e mudar um pouco a página da discussão política neste país. Não falaremos mais em política tributária e vamos falar em outras coisas. Então, eu queria pedir o apoio de vocês: conversem com os deputados, com os senadores que vocês conhecem, mostrem... Se não conhecerem o projeto, mandem um e-mail para o Nelson Machado, que ele manda o projeto para vocês, porque ele também tem



responsabilidade por ter feito... O Conselho de Desenvolvimento Social também pode contribuir com os debates.

Uma outra reforma que nós queremos fazer é a reforma política. Não é possível que não se entenda que o Brasil precisa fazer uma reforma política para dar legitimidade aos partidos políticos, que se acabe com essa história de os políticos viverem correndo atrás de empresários e mais empresários para financiarem sua campanha, e depois terem que pagar a conta. Na verdade, a melhor forma seria o financiamento público da campanha. Nós achamos que não é o Poder Executivo que tem que fazer, isso é uma coisa da sociedade, dos partidos e do Congresso Nacional. Nós estamos dando a nossa sugestão para que isso seja levado em conta no debate.

Por último, meus amigos e minhas amigas, depois desta condecoração que recebi aqui, acho que já posso até chamá-los de companheiros e companheiras. Agora eu fui aplaudido, mas no começo dos anos 70, se chegasse em algum lugar e falasse “companheiros e companheiras”, alguém do meio já gritava: “comunista”. Agora somos todos companheiros.

Eu queria mais 30 segundos para dizer a vocês da minha crença e do porquê eu sou o brasileiro mais otimista neste momento da história do Brasil. Penso que vocês sabem perfeitamente bem – nos escritórios de contabilidade de vocês – que a situação no Brasil melhorou, e melhorou muito. Deve ter muito mais gente procurando um contabilista para pedir assessoria. Na hora em que um cidadão vira contribuinte, paga o seu Imposto de Renda e pode montar um pequeno negócio, o primeiro lugar que ele vai procurar é – o Paulo pensa que é o Sebrae – um escritório de contabilidade.

Vocês devem estar acompanhando o momento excepcional que vive a economia brasileira. Certamente, trabalhamos com a convicção de que nem tudo está acabado, de que nem tudo está pronto e que tem muita coisa por fazer. Agora mesmo, neste bom momento que vivemos, a economia americana dá sinais de crise e até de recessão. Até agora, não chegou ao Brasil. A



Europa começa a dar sinais de crise também, por conta da crise americana, com uma certa diminuição no ímpeto do crescimento em vários países europeus. Certamente que isso tudo pode resvalar no Brasil, na medida em que o Brasil tem uma política comercial muito forte com esses países.

Entretanto, temos um cenário novo na economia mundial que é a ascensão dos chamados países emergentes, sobretudo os chamados BRICs, de que fazem parte Brasil, Rússia, China e Índia. A Índia, que está... e a China que vive um momento muito importante, de crescimento econômico. Na América do Sul, um momento importante do crescimento da economia.

Hoje eu dizia, numa reunião, que se nós conseguirmos estabelecer uma boa relação, procurando novos parceiros, nós poderemos não sofrer as conseqüências de uma possível recessão nos Estados Unidos, se levarmos em conta países que podem comprar produtos manufaturados do Brasil e, ao mesmo tempo, se explorarmos corretamente o potencial do mercado interno brasileiro, que ainda é muito grande, e ainda não tem muita gente participando desse mercado interno.

Portanto, para vocês terem consciência, na quinta-feira nós vamos fazer um grande encontro em Brasília, onde vamos tentar mostrar uma fotografia do que está acontecendo no Brasil. Uma fotografia, porque o dado concreto é o seguinte: quando o anúncio é feito individualmente, de uma empresa que vai fazer um investimento de um bilhão, de dois bilhões, isso não tem nenhuma repercussão na imprensa, a imprensa não dá nem uma notinha. Agora, se em vez de o empresário ir anunciar o investimento de um bilhão de dólares num negócio novo, ele fosse me avisar que a sua empresa, de 30 empresários, vai mudar para a Argentina, aí a manchete seria assim: “Desindustrialização do Brasil”.

Então, eu quero pegar todas as coisas que estão acontecendo no Brasil e mostrar, para que o povo brasileiro e para que a imprensa brasileira saibam o que está acontecendo neste momento. Se aqui tem gente representando todo



o território nacional, vocês são testemunhas de que não tem qualquer capital deste país que não tenha um conjunto de obras do PAC, que vai gerar mais emprego e mais dinheiro no próximo ano e portanto, melhoria das condições de vida das pessoas.

Hoje nós temos obras do governo federal em mais de 5.200 municípios brasileiros. Isso, há muitas décadas não acontecia. Só para vocês terem idéia, faz mais de 23 anos que o Brasil não construía um alto-forno. Agora, nós temos seis siderúrgicas novas anunciadas, inclusive uma na sua terra, viu, Maria? Lá em Fortaleza, lá em Pecém.

Há 18 anos, Olívio Dutra e meu caro Rigotto, não se construía no Brasil uma nova fábrica de cimento. Cimento e ferro, que são imprescindíveis, sobretudo para o setor da construção civil. Imaginem o que é um país passar 18 anos sem construir uma nova fábrica de cimento, e um país passar 23 anos sem construir um novo forno. Significa que nós passamos praticamente 20 anos com a economia atrofiada.

Isso, agora, um pouco que desabrochou. Nós temos tanta sorte, não foi de graça, porque teve muito investimento em pesquisa e decisão de governo para que isso acontecesse: a gente descobriu o pré-sal. O pré-sal é um novo momento da independência do nosso país. Não sei quantos barris de petróleo nós temos, a sete mil metros de profundidade. Só sei que é muito mais, Governadora, do que as reservas atuais que o Brasil tem. Nós vamos aproveitar esse petróleo não para virarmos exportadores de petróleo. Não. Nós queremos aproveitar esse petróleo para recuperar a indústria naval brasileira, fazendo os estaleiros que faltam fazer pelo país afora, construindo os navios e as sondas que precisam ser construídos.

Cada sonda, que é aquele navio que vai para o meio do mar para tentar fazer o primeiro furo, custa 700 milhões de dólares. E o Brasil vai ter que produzir 38 sondas, fora as plataformas e fora 200 navios que nós temos que comprar, petroleiros e navios de apoio, para poder fazer fluir essa riqueza que



encontramos lá embaixo. Em vez de sermos vendedores de óleo cru, queremos vender produtos de valor agregado, ou seja, vamos produzir refinarias para produzir gasolina premium, exportar para a Europa, para os Estados Unidos, exportar óleo diesel premium. Não vamos ser exportadores de óleo cru.

O mais importante de tudo isso... Aqui no Rio Grande do Sul, por exemplo, na cidade de Rio Grande, a P-53 está para entrar no mar. A P-53, que é uma plataforma feita no estaleiro de Rio Grande, está para entrar no mar este mês. Qual é a minha preocupação? O que virá no lugar dela. Senão, você faz a festa de despedida de uma grande plataforma que gerou milhares de empregos em Rio Grande e é a triste partida: a plataforma parte e não fica nada no lugar, vai ficar desemprego para os trabalhadores. Nós estamos trabalhando fortemente com a Petrobras para que a gente possa, ao tirar a P-53, colocar alguma coisa no lugar para manter os trabalhadores em Rio Grande e não permitir que tenha desemprego.

Essa coisa do pré-sal, vamos começar na semana que vem. No dia 2, vamos ao Espírito Santo tirar o primeiro pouquinho de barril lá, por volta de 10 a 15 mil barris. Em março, vamos tirar mais do poço de Tupi. Em tudo isso, vai acontecer uma coisa fantástica. Tudo isso vai gerar mais garantias na estabilidade econômica deste país, as pessoas vão olhar o Brasil com muito mais respeito do que já olham, vai surgir muito mais dinheiro, conseqüentemente mais empresas, e mais e melhores salários. O que vai sobrar em tudo isso? Conseqüentemente, mais empregos nos escritórios de vocês.

Por último, a questão da educação, da formação profissional na categoria de vocês. Eu não sei se vocês sabem, até o dia 31 de dezembro de 2010 vamos concluir no Brasil dez universidades federais e 88 novas extensões universitárias. Vamos fazer uma universidade específica para a América Latina, com currículo, professores e estudantes latino-americanos.



Vamos fazer, na cidade de Redenção, no Ceará, uma universidade afrodescendente, metade africana e metade brasileira, para que a gente possa ir, aos poucos, pagando a nossa gratidão – já que não podemos dar em dinheiro, vamos dar em formação profissional – aos serviços que os africanos, durante 300 anos, produziram neste país, quando eram homens livres lá e chegavam aqui como escravos.

O mais importante – é o desafio que estou fazendo para a nossa querida presidente – é que vamos convidá-la para ir a Brasília, Toninho Trevisan, se sentar junto com o nosso ministro da Educação, para a gente ver, nessas novas universidades e escolas técnicas que estamos fazendo, o grau de participação que a categoria pode dar para formar milhares e milhares de pessoas neste país, para fazer crescer ainda mais a contabilidade no País.

Por último, quero agradecer o carinho de vocês. É sempre muito bom ser bem tratado. Eu gosto e vocês gostam, e isso é extremamente importante. Quero agradecer a presença da Governadora, dos ex-governadores, do Prefeito, e dizer para vocês que se eu soubesse que seria tão bom assim, teria vindo a pé num domingo e iria embora no outro domingo.

Muito obrigado, e que Deus abençoe cada um de nós.

(\$211A)